

Kant, jornalismo e eleições: uma análise das noções de trabalho e vontade a partir dos slogans de campanha na disputa ao governo da Paraíba em 2014

Kant, journalism and elections: An analysis of the notions of work and will from the slogans of the campaign in the dispute to the government of Paraíba in 2014

Giovanni SÁ¹

Resumo

Esta análise investiga como os principais jornais paraibanos edificaram noções de moralidade na política durante as eleições estaduais de 2014 levando em conta a ideia construtivista da realidade. Para isso, nos dedicamos a examinar os componentes da moralidade como interpretada por Immanuel Kant, pensador que marcou a filosofia moderna, especialmente quando ressignificou conceitos como trabalho e vontade provocando uma revolução estética no seio da vida cotidiana que nos afeta até hoje.

Palavras-chave: Kant. Vontade. Trabalho. Eleições.

Abstract

This analysis investigates how the main Paraiban newspapers constructed notions of morality in politics during the state elections of 2014, taking into account the constructivist idea of reality. To that end, we are examining the components of morality as interpreted by Immanuel Kant, a thinker who marked modern philosophy, especially when it re-signified concepts such as work and will, provoking an aesthetic revolution in everyday life that affects us today.

Keywords: Kant. Will. Job. Elections.

Introdução

O paradigma filosófico de Immanuel Kant (1740-1804) marcou o mundo moderno de tal modo, que repaginou conceitos e valores que construíram o advento de uma moral baseada na razão compartilhada até os tempos hodiernos.

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba – PPGS/UFPB. E-mail: giovannialvesduarte@gmail.com

Na vida cotidiana e na práxis de diversos grupos sociais detentores de capital simbólico como a imprensa, a força do racionalismo ético kantiano deixou seus vestígios, minando e confrontando discursos historicamente amparados por outros tipos de tradições filosóficas.

Dentre alguns conceitos caros ao estudo da filosofia de Kant, dois deles foram intensamente explorados do ponto de vista do discurso político durante as eleições estaduais de 2014 na Paraíba. Falamos aqui das noções de trabalho e vontade, na perspectiva da construção de valores morais numa sociedade cada vez mais influenciada pela mídia e como estes conceitos contribuíram para forjar um cenário de embates entre imaginários políticos divergentes no Estado.

O presente artigo é, neste sentido, apenas a parte de um trabalho de pesquisa maior, que se dispôs a investigar a relação entre a moral, a ética e o discurso político no jornalismo impresso com base na herança filosófica do Ocidente, desde os gregos até à modernidade. Aqui, nos propomos a investigar a simbologia presente nos slogans de campanha utilizados na corrida ao Governo do Estado da Paraíba em 2014 identificando a inspiração filosófica nos lemas dos principais candidatos na disputa, sendo eles Ricardo Coutinho, do PSB, e Cássio Cunha Lima, do PSDB.

O primeiro apostou na propaganda do slogan ‘A força do trabalho’, um conceito que, principalmente, a partir de Kant, passou a ser sinônimo universal de dignidade humana. O segundo investiu no slogan ‘A vontade do povo’, que faz um apelo à capacidade de transcendência do ser humano à própria natureza, noção já presente em Rousseau, mas aprofundada posteriormente, do ponto de vista da razão, por Kant.

As notícias analisadas neste artigo são representações que atribuem valores morais a cada contexto publicado. Para decifrarmos o seu mecanismo semântico realizamos o recorte do objeto mediante a clipagem de matérias publicadas no mês de julho de 2014, período que marcou o início do primeiro turno do processo eleitoral na Paraíba. Restringimos a coleta a cinco notícias que trataram especificamente sobre as noções de trabalho e vontade dentro dos cadernos de política dos principais jornais do Estado, sendo eles Correio da Paraíba e Jornal da Paraíba.

Tratando-se de uma pesquisa histórico-filosófica, o método utilizado consistiu na leitura crítica e análise do pensamento kantiano com foco em suas reflexões sobre os

conceitos de trabalho e vontade ao longo de sua produção filosófica, tendo como base duas importantes bibliografias: *Fundamentação da Metafísica dos Costumes* (2007), de Kant, e *Aprendendo a Viver: Filosofia para os novos tempos*, de Luc Ferry (2006).

O resultado da pesquisa foi alcançado através da identificação, aplicabilidade e esquematização das noções de trabalho e vontade mediante a construção destes dois conceitos a partir do discurso dos candidatos Ricardo Coutinho e Cássio Cunha Lima durante as eleições 2014 projetados nos jornais impressos da Paraíba.

A herança kantiana

Kant encarou a ética a partir da liberdade, vista como direito fundamental da razão humana. Este pensamento foi de encontro à ética cosmológica pujante na Antiguidade Clássica onde a noção de dignidade moral e virtude advinha do aprimoramento de aptidões naturais, o que garantiria o sentimento de *eudaimonia* (estado de felicidade plena) ao ser humano. No entanto, na visão de Kant, não é a busca pelo desenvolvimento de uma vocação natural que forja a dignidade moral do homem. Em outros termos, Kant diz que é possível viver bem sem nos preocuparmos em nos “encaixar” na geometria universal da natureza e no seu esquadro genético, transmutado em talento.

Contra tudo isso, o pensamento moderno kantiano deslocou o sentido de natureza humana, se afastando da cosmologia aristotélica para adentrar no próprio ser humano enquanto força racional. A noção de natureza em Kant é vista, por outro lado, como a essência dos nossos desejos e paixões sendo a moral a capacidade que temos, a partir do uso razão, de controlar a força dos instintos às nossas ações e pensamentos. Para o filósofo, o que confere dignidade moral ao homem é, na verdade, a sua boa vontade, e não mais a noção da virtude aristotélica:

Neste mundo, e até também fora dele, nada é possível pensar que possa ser considerado como bom sem limitação a não ser uma só coisa: uma boa vontade. Discernimento, argúcia de espírito, capacidade de julgar e como quer que possam chamar-se os demais talentos do espírito, ou ainda coragem, decisão, constância de propósito, como qualidades do temperamento, são sem dúvida a

muitos respeitos coisas boas e desejáveis; mas também podem tornar-se extremamente más e prejudiciais se a vontade, que haja de fazer uso destes dons naturais e cuja constituição particular por isso se chama carácter, não for boa (KANT, 2007, p 21).

A partir dessa reflexão, é possível compreender que mesmo que tenhamos aptidões que definam de certa forma o nosso carácter, como a coragem, não quer dizer que a coragem é boa em si mesma, porque pode ser utilizada para fins ruins (Ex: coragem para matar alguém). O paradigma kantiano, desse modo, é voltado para uma espécie de auto-análise das nossas próprias vontades diante a possibilidade de ferirmos a si mesmos e o outro, caso nos deixemos ser influenciados pela nossa natureza imoral e animal. “Kant volta a afirmar o papel da razão na ética. Não existe bondade natural. Por natureza somos egoístas, ambiciosos, destrutivos, agressivos, cruéis, ávidos de prazeres que nunca nos saciam e pelos quais matamos, mentimos e roubamos” (CHAUÍ, 2006, p. 315).

O conceito de dignidade moral em Kant se mede, principalmente, pelo o resultado da nossa ação diante nós mesmos na luta de tentar controlar as nossas inclinações naturais. A moral, com base no ato racional, seria pois, a força para nos ajudar na intensa batalha consigo mesmos. Há, portanto, na moral kantiana um descolamento entre a ética (razão) e natureza (desejos, paixões, etc). Portanto, no pensamento moderno, a ética nos surge como o controle racional da natureza e, neste quesito, todos os homens são aptos para serem livres ao deliberar deste controle sobre si mesmos. “A razão prática é o exercício da liberdade como poder racional para instituir fins éticos (os valores morais) (...). A razão prática é universal e encontra-se em todos os seres humanos” (CHAUÍ, p. 316).

O que seria bom em si mesmo, para Kant, como valor máximo é, pois, a boa vontade. Portanto, a boa vontade é o que define se a conduta humana é boa ou não. Trabalhando uma ideia de Rousseau sobre vontade vista como o que define a diferença do homem do animal, Kant entendeu esse termo como o uso da razão para uma vida melhor. A vontade separa, pois, os homens dos animais, colocando em contraponto a ação moral distante dos instintos e das paixões. Ou seja, devemos usar a razão para tentar viver bem separando o desejo da nossa capacidade de racional de escolha e

reflexão. Assim, estaríamos, de fato, sendo livres porque nos desvencilhamos das inclinações impostas pela natureza. Em resumo, a liberdade seria então negar a si mesmos enquanto animais irracionais deslocando e separando, dessa maneira, a moral do nosso próprio instinto.

A vontade absolutamente boa, cujo princípio tem que ser um imperativo categórico, indeterminada a respeito de todos os objectos, conterà pois somente a forma do querer em geral, e isto como autonomia; quer dizer: a aptidão da máxima de toda a boa vontade de se transformar a si mesma em lei universal é a única lei que a si mesma se impõe a vontade de todo o ser racional, sem subpor qualquer impulso ou interesse como fundamento (KANT, 2007, p. 90)

Dessa forma, enveredamos num ponto onde chegamos numa questão crucial da moral kantiana, que é da igualdade. Entendemos, pois, que, baseados na capacidade de agir racionalmente contra os próprios desejos, o “poder” da boa vontade individual nos guia na ação da boa vontade universal (valor absoluto), a qual está à disposição de todos os homens, fazendo deles, potencialmente, todos iguais e livres perante a razão. Sobre essa questão da igualdade entre os homens pensada por Kant, Ferry (2006) volta a tomar a ética aristocrática dos gregos como parâmetro para este conceito no mundo Moderno, lembrando que, na lógica cósmica das finalidades e aptidões dos seres, cada homem apresentava talentos em graus maiores ou menores, portanto, a relação humana na época de Aristóteles era reforçada pela desigualdade.

Vivia-se, pois, numa “hierarquia natural dos seres, mas que também insiste em fazer com que os melhores fiquem “no alto”, e os menos bons, “embaixo”. Se, ao contrário, situa-se a virtude não mais na natureza, mas na liberdade, então todos os seres se equivalem, e a democracia se impõe (FERRY, 2006, p.89). Ou seja, o pensamento moral de Kant quebra com a visão clássica de igualdade onde a noção de boa vontade assume um papel fundamental:

A boa vontade não é boa por aquilo que promove ou realiza, pela aptidão para alcançar qualquer finalidade proposta, mas tão somente pelo querer, isto é em si mesma, e, considerada em si mesma, deve ser avaliada em grau muito mais alto do que tudo o que por seu intermédio possa ser alcançado em proveito de qualquer inclinação, ou

mesmo, se se quiser, da soma de todas as inclinações (KANT, 2007, p. 23).

Ou seja, a boa vontade deve ser vista como um dever moral do homem no momento em que faz suas escolhas. O dever kantiano, no entanto, “está longe de ser uma imposição externa feita à nossa vontade e à nossa consciência, mas é a expressão da nossa liberdade, isto é, da presença da lei moral em nós. O obedecer ao dever é obedecer a si mesmo como ser racional. (...) Por isso somos autônomos” (CHAUÍ, 2006, p. 316).

Podemos interpretar, pois, da visão de Kant, que aquele que age conforme os seus desejos é escravo das paixões, escolhendo o caminho a favor da própria natureza. O pensador define então, a partir das atitudes humanas, um espécie de “mecanismo” de consulta para saber se a boa vontade da qual estamos falando ganhou aplicabilidade num ato moral genuíno analisando esse modo de agir através do *dever*.

É exatamente a ressignificação dessa noção de dignidade moral que marca, pois, todo um comportamento Moderno até os dias de hoje. A primeira grande mudança nessa forma de pensar, como afirmamos anteriormente, é com relação à noção de trabalho. Comparando com a visão grega, em Kant, o trabalho deixa de ser uma prerrogativa de pessoas indignas, passando a virar condição essencial para definir um caráter digno, moralmente falando. Damos destaque a este ponto específico, porque é justamente sobre o termo trabalho que irão se basear alguns dos discursos dos candidatos Cássio Cunha Lima e Ricardo Coutinho nas eleições de 2014. Neste novo contexto histórico-filosófico, a nova noção moderna de trabalho:

Se torna o próprio homem, até o ponto em que um ser humano que não trabalhe não é apenas um homem pobre, porque não tem salário, mas um pobre homem, no sentido em que não pode se realizar e realizar sua missão na Terra: construir-se, construindo o mundo, transformando-o para torná-lo melhor apenas pela força de sua boa vontade (FERRY, 2006, p. 90).

O que conta agora, portanto, após essa reviravolta no pensamento provocado por Kant, é qual será o resultado da ação humana. Desse modo, a ideia de trabalho compensa, nesta nova visão, a falta de talento (falta de dignidade moral nos gregos).

“No plano político, esse novo espaço de vida comum terá três marcas características, diretamente opostas ao mundo aristocrático dos Antigos: a igualdade formal, o individualismo e a valorização da ideia de trabalho” (FERRY, 2006, p. 89). Ou seja, o trabalho, neste novo contexto moral é referência para a “redenção” do homem e mecanismo de agregação social, não mais de exclusão.

As eleições de 2014 na Paraíba

A eleição estadual de 2014 ao Governo da Paraíba presenciou um embate ferrenho entre imaginários de modernidade, soberania popular e tradição (CHARAUDEAU, 2013), onde, inicialmente, a noção de ética amparada na ideia de coerência, firmeza de caráter e idealismo –, foi colocada em xeque. Na oficialização das coligações, a Paraíba assistiu à união de legendas historicamente dissonantes como PT e DEM (antigo PFL), todos a favor do projeto de reeleição do PSB, de Ricardo Coutinho.

Neste mesmo cenário, o PT havia feito oposição ao PSB durante toda a gestão Coutinho, tendo o atual prefeito de João Pessoa, Luciano Cartaxo (atualmente no PSD) como um dos baluartes das críticas ao governo durante sua atuação como deputado na Assembleia Legislativa. O PT e PSB haviam militado em campos opostos dois anos antes, nas eleições municipais de 2012. Da mesma forma, nutria-se o suspense diante a possível composição entre o PSDB do candidato da oposição em 2014, Cássio Cunha Lima, com os rivais peemedebistas liderados por José Maranhão, adversário político da família Cunha Lima desde a década de 1990.

No final das contas, o PMDB cedeu apoio em 2014, num segundo turno, ao projeto de reeleição de Coutinho após passar quatro anos da primeira gestão do PSB no bloco de oposição à administração de Ricardo. Este, por sua vez, teceu sérias críticas em 2014 ao antigo aliado que o ajudou a vencer as eleições em 2010, Cássio Cunha Lima. No final das contas, a eleição foi polarizada na disputa entre os ex-aliados: o então candidato à reeleição, Ricardo Coutinho (PSB) e o senador Cássio Cunha Lima (PSDB), os personagens foco dessa análise.

O tucano havia emprestado seu prestígio a Ricardo em 2010 para ajudá-lo a reunir votos pelo interior do Estado dando musculatura eleitoral e fortalecendo o nome

de Coutinho em toda a Paraíba. Quatro anos depois, houve da parte de Cássio a tentativa de desconstruir o *ethos* que ele mesmo havia ajudado a criar na construção da imagem de Ricardo, que por sua vez, se esforçou no mesmo sentido, já que havia se aliado a Cássio confiante no legado político da família Cunha Lima em 2010.

O tucano desde muito jovem foi fruto de uma cultura política paternalista, que o ajudou a ingressar cedo nas disputas eleitorais emplacando o primeiro mandato a deputado federal aos 23 anos e depois a Prefeitura de Campina Grande aos 25 anos, acumulando em anos posteriores mais três mandatos como gestor daquela cidade até tentar voos maiores, rumo ao Governo do Estado e Senado Federal.

Em oposição, aparece Ricardo Coutinho com um currículo distante das heranças familiares da política após ter conquistado os mandatos de vereador, de deputado estadual e de prefeito da capital por dois mandatos. Em 2010, entra na disputa contra José Maranhão ao governo do Estado, quando foi eleito pela primeira vez. Coutinho vem de um berço calcado nos movimentos sociais e sindicais, no entanto, mesmo sustentando esse *ethos* progressista - entrou no jogo ao Governo do Estado em 2010 apoiado por Cássio.

Ironicamente, Ricardo – mesmo defendendo um discurso moderno - surfou na popularidade do imaginário de tradição (CHARAUDEAU, 2013) da família Cunha Lima para ser eleito. Se a disputa de 2010, de certo modo, foi a continuação da briga de poder que começou ainda na década de 1990 entre “ronaldistas” e “maranhistas” - posteriormente assumida pelos “cassistas” contra Maranhão -, a eleição de 2014 apenas inverteu esses papéis, mas não a lógica da disputa.

Em 2014, Ricardo – após conseguir levar a campanha para o segundo turno, com uma pequena margem de votos atrás de Cássio – buscou o apoio do palanque de Maranhão. Portanto, em ambas as disputas (2010 e 2014) Ricardo surge como alternativa para atender aos interesses dos dois grupos mais tradicionais da Paraíba.

Analisando os jornais

Concentramos a prospecção em julho de 2014. As discussões nos jornais Correio e Jornal da Paraíba neste período foram pautadas inicialmente nas justificativas dadas

pelo governador Ricardo Coutinho diante as críticas sobre a união inesperada com o PT de Luciano Cartaxo, especialmente, porque os adversários viram a parceria PSB/PT amparada mais em interesses pessoais do que numa orientação ideológica. Em contrapartida, Ricardo Coutinho concedia a Lucélio, irmão de Luciano Cartaxo, o apoio para o Senado.

É bom lembrar que nessa época o PT era aliado do PMDB em âmbito nacional. Com isso, os opositores colocaram a aliança em suspeição buscando criar sobre ela uma áurea de vergonha do ponto de vista da coerência ética, especialmente, porque o PT nacional não havia dado anuência para o PT municipal escolher seguir Ricardo. Os peemedebistas, principais afetados com essa parceria, exigiam o apoio do PT à candidatura de Vital do Rêgo Filho (Vitalzinho) e, assim, questionaram o fato da decisão do PT municipal de aliar-se a Ricardo ter sido tomada de forma equivocada ensejando uma briga judicial pelo apoio do PT como traz a edição de 6 de julho do Correio da Paraíba:

Ricardo Coutinho afirmou que o momento agora é de se preparar e focar na campanha. Quando questionado sobre o impasse com o PMDB (para ficar com o PT), o socialista se mostrou tranquilo. “Ele (o PMDB) quer, simplesmente, fortalecer outros interesses”, comentou. “Estamos aqui com 11 partidos registrando a chapa, formando uma grande aliança popular. Se eles (os peemedebistas) estão dizendo que terão 30, 60, 90 dias (para anular a coligação), nenhum problema. A gente faz a campanha e mostra quem mais fez e quem mais vai fazer para a Paraíba”, ressaltou (NORONHA, 2014, p. A2)

Aqui podemos perceber estratégias de ataque e defesa de Coutinho que denunciam alguns posicionamentos éticos. Ricardo ao dizer que o PMDB quer atender “outros interesses” se coloca do lado dos “interesses ideais” do povo personificando as intenções voltadas para o bem comum, noção presente em Aristóteles. O interesse é também balança do ato moral kantiano que guia a razão no sentido do *dever* e testa o nível de boa vontade da ação humana. Neste sentido, a estratégia discursiva de Ricardo foca na virtude moral de agir de forma desinteressada para consigo mesmo sem esperar vantagens políticas.

É justamente o que Ricardo tenta transparecer ao colocar-se ao lado do valor moral do desinteresse. O cerne desse *ethos* político é sustentado pela imagem do homem focado apenas na melhoria da condição de vida dos governados agindo por *dever* independente das ‘tentações’ e das fraquezas imanentes à natureza humana. Outro posicionamento ético exposto por Ricardo encontra base em Kant ao se mostrar como “quem mais fez” e “quem mais vai fazer para a Paraíba”, defendendo o *ethos* de trabalho exposto em seu slogan, o que pode ser visto também na edição de 1º de julho do Correio da Paraíba.

O periódico destaca a fala do governador neste sentido estampando a foto de Ricardo de braços para o alto e de mãos dadas com os petistas Luciano e Lucélio Cartaxo em convenção partidária realizada na casa de shows Forrock, em João Pessoa, para o anúncio de confirmação da união PSB/PT.

Ricardo fez um discurso baseado nas ações realizadas pelo Governo do Estado nos últimos três anos e meio. “Podem deixar que falem porque vamos responder com a verdade. Não temos vergonha da nossa aliança. Andaremos com honra e de cabeça erguida por toda a Paraíba. Vamos apenas mostrar que temos trabalho em todo lugar desse Estado”, afirmou. (GOMES, 2014, p. A3).

Desse modo, julho presenciou o início de uma discussão pautada na valorização da moderna noção de trabalho, exposta por Ricardo Coutinho num sentido de que suas ações iriam provar, por si só, a coerência de suas ideias e “verdadeiras” intenções. Com isso, Ricardo constrói sobre si uma imagem de credibilidade, baseado num *ethos* de seriedade que tenta mostrar energia e capacidade de atuação. O discurso trabalhista de Ricardo é fruto de uma revolução teórica, científica e moral impulsionada com as grandes descobertas da ciência nos séculos 16 e 17, que fizeram eclodir um novo pensamento sobre o mundo e, no século 18 com Kant, viu florescer um novo paradigma ético da modernidade.

O trabalho passou a ser mecanismo de contestação da passividade do homem frente aos efeitos da natureza. Foi a partir do trabalho científico iniciado há centenas de anos que se pôde explicar os fenômenos do mundo e tirar o ser humano do nível

contemplativo de uma natureza onipotente. Começamos, por meio da ideia de trabalho, a traduzir o mundo, entendê-lo e contestá-lo.

A moderna noção de trabalho oferecida por Kant inverte a lógica de convivência entre os homens oferecida pela ética cosmológica aristotélica, onde o trabalho era prerrogativa apenas dos escravos, fruto de uma sociedade aristocrata e desigual do ponto de vista da dignidade e liberdade humanas.

Neste sentido, a “A força do trabalho” como mote de campanha eleva Ricardo Coutinho a um imaginário de compromisso com predicados libertários que ganharam força principalmente após a Revolução Francesa (1789-1799). Ter “força para trabalhar”, segundo o pensamento kantiano, significa ter capacidade de ação para modificar o presente, o seu ambiente, a natureza e o mundo através de um ato livre e soberano.

Uma campanha calcada neste slogan, implicitamente, defende valores de igualdade entre os homens, pois todos são livres para escolher, mediante o trabalho, o que pretendem ser na vida. É uma noção que vai de encontro à perpetuação de privilégios e cristalização do *status quo*. No caso em questão, o discurso de trabalho surge em contraponto ao imaginário de práticas políticas clientelistas e coronelistas que se perpetuaram há anos na Paraíba.

Quando Ricardo diz que “podem deixar que falem”, que irá se basear na “verdade” e que a verdade são suas ações, Coutinho monta uma estratégia de personificação onde a figura do trabalho não é outra que ele mesmo. Ricardo mostra, neste sentido, que além de incorporar estes valores, ele mesmo é personificação de uma ideia que simplesmente revolucionou a humanidade do ponto de vista filosófico.

Portanto, oferecer aos eleitores o slogan “A força do trabalho” é ofertar a possibilidade das pessoas terem acesso a uma ética transformadora. Escolher o lado da “força do trabalho”, nesse ponto de vista, é a oportunidade de não ser mais passivo diante às adversidades de um mundo caótico.

Ou seja, o trabalho é manilha de transformação da própria condição social como expõe o Jornal Correio em 11 de julho.

O governador Ricardo Coutinho disse que a plenária foi a primeira das muitas que acontecerão por todo o Estado durante a campanha eleitoral, até o dia da eleição, sempre discutindo com a população o trabalho desenvolvido ao longo do seu primeiro mandato. “Estou muito tranquilo nessa caminhada que se inicia nesta noite. O povo da Paraíba sabe do nosso trabalho durante esses anos e dos avanços que alcançamos em todos os indicadores sociais. Hoje (ontem), marcamos o início de uma caminhada por esse Estado apresentando nossas propostas de mais crescimento para nossa terra”, afirmou. (GOMES e SANTOS, 2014, p. A3)

Por sua vez, a coligação liderada por Cássio Cunha Lima encampa em seu slogan a frase “A vontade de povo”, cuja herança conceitual também corresponde a uma tradição filosófica do racionalismo ético kantiano, “que atribui à razão humana o lugar central na vida ética” (CHAUI, 2006, p.325). Uma das correntes é o voluntarismo, que baseia a ação humana na vontade enquanto ato racional para frear a força dos instintos. Neste sentido, a vontade é o que diferencia o homem do animal e o arranca de uma condição passiva de refém dos impulsos, desejos desenfreados, paixões e desequilíbrios morais. A ética apresenta-se como trabalho da vontade para controlar tudo isso e como bússola que leva o homem em direção ao caminho da virtude.

Desse modo, a coligação de Cássio Cunha Lima se coloca a favor da “vontade do povo”, no sentido de dizer que a população é livre para votar consciente. Consciência pressupõe conhecimento, esclarecimento, iluminação. Confiar na “vontade do povo” é, neste sentido, atribuir ao cidadão responsabilidade e autogestão. A vontade é, pois, uma prerrogativa da liberdade humana que remonta à ação, à finalidade e, neste caso, ao voto.

Cássio se coloca como produto de uma vontade popular consciente, ou seja, como resultado de uma ação baseada na perseverança da autonomia do ser humano, uma noção que – além de dialogar com as ideias de Kant - denuncia a adesão de Cássio, assim como Ricardo, a uma concepção inerente à filosofia moderna.

O slogan da campanha de Cunha Lima tem raízes tanto no legado de Kant como no de Rousseau, que abriu as portas para que o pensamento kantiano pudesse se desenvolver no sentido da “boa vontade” do ser humano. O lema defendido pela coligação “A vontade do povo” atribui aos eleitores a responsabilidade de guiar-se pela

razão. A boa vontade está implicitamente marcada na noção política de “povo”, termo que pressupõe maioria e sugere a ideia de amplitude republicana de que a voz do povo é a voz boa de ser ouvida, pois aponta para os interesses de uma coletividade.

Unir, portanto, os termos “vontade” e “povo” num slogan é, sem dúvida, apelar para uma cultura política revolucionária do ponto de vista da autonomia cidadã. Primeiro, porque afasta do homem o julgo instintivo da ação, segundo, porque o aproxima da noção de democracia. Por trás disso, está a intenção de Cássio Cunha Lima de colocar-se à favor do discernimento, da reflexão, da análise e da escolha responsável, já que a ideia de boa vontade humana combate a tentação dos desejos passionais e egoístas incrustados em nossas fraquezas morais, como nos diz Kant, o que levaria a um voto interessado não na convicção do ser, mas em benesses e favorecimentos pessoais.

Cássio Cunha Lima, ao personificar-se como a “vontade do povo”, apresenta-se como um farol a favor da liberdade da ação humana, como destaca o jornal Correio da Paraíba, na edição de 12 de julho. A matéria emana um sentido propositivo sobre Cássio ao dar início a uma série de reuniões com prefeitos paraibanos para coletar propostas e ouvir democraticamente sugestões para o seu plano de governo:

Nas reuniões, além da apresentação de suas principais propostas para gestão estadual, Cássio ressaltou que um dos principais fatores que o levaram a disputar o Governo do Estado, é a busca da retomada de ações voltada para o povo, que atendem as necessidades dos cidadãos e sejam feitas em parceria com os prefeitos dos 223 municípios paraibanos. “O apoio dos prefeitos nos dará um grande impulso em todas as regiões do Estado. O que mais nos gratifica é que eles sabem que a partir da nossa eleição, implantaremos um tempo em que as necessidades dos cidadãos serão democraticamente atendidas e independente das preferências políticas dos seus prefeitos. Precisamos iniciar um novo tempo, com um olhar sempre voltado para o futuro e para melhoria da qualidade de vida dos paraibanos”, declarou o candidato (RODRIGUES, 2014, p. A5).

O recado de Cássio é, na verdade, um alerta aos eleitores para que votem no lado que lhes oferece a liberdade de externar suas vontades sem o perigo de represálias, independente de opção político-partidária. Quando Cássio diz que “nascerá um novo

tempo” em que o povo será ouvido democraticamente, pressupõe que o governo Ricardo Coutinho, iniciado em 2010, não respeitou essa prerrogativa inerente ao livre arbítrio da população.

O Jornal Correio destaca que o candidato tem a intenção de “retomar ações voltadas para o povo” e em “parceria” com esse povo. O que sugere uma reconciliação política com o Estado. Com esse discurso, Cássio busca construir sobre si um *ethos* de solidariedade, que faz do político um ser que não somente está atento às necessidades dos outros, mas que as partilha e se torna responsável por elas. A solidariedade caracteriza-se pela vontade de estar junto.

Já na edição de 25 de julho do Jornal da Paraíba, Cássio usa o slogan “A vontade do povo” beneficiando-se da semântica universalista suscitado pelo termo para expor uma particularidade, neste caso, revelando a intenção do seu grupo para cobrar uma ação enérgica da Justiça Eleitoral diante a polêmica envolvendo o caso “Sales Dantas”. O tema polêmico é tratado no Jornal da Paraíba em uma retranca intitulada “Nota de Cássio”. Na denúncia, o JP estampa a manchete: “Coligação do PSB acusa Cássio de comprar apoio de prefeitos”.

A prova do suposto crime seria uma gravação telefônica feita pelo radialista Sales Dantas, ex-secretário adjunto de Pesca do Estado, quando se passa pelo chefe de gabinete do senador tucano, em conversa por telefone com o prefeito do município de Caiçara, Cícero Francisco. A denúncia diz que o gestor teria recebido R\$ 600 mil para aderir ao candidato tucano:

Diante do absurdo das acusações e insinuações dos empregados do governador do Estado, A Vontade do Povo apela, por todos os meios, ao Ministério Público Eleitoral, à Justiça Eleitoral e à Polícia Federal para que apurem, em toda a sua extensão e profundidade, o processo eleitoral da Paraíba, cuja absoluta transparência e lisura defendemos e exigimos, diz a nota. E acrescenta: A coligação A Vontade do Povo entende, por fim, que essa farsa montada diante da Paraíba é uma confissão explícita de desespero político: eles tentam intimidar dezenas de outras adesões e abrir caminhos para decidir no tapetão uma eleição que a cada dia lhes parece mais difícil, remota e inalcançável. A Paraíba já decidiu que, dessa vez, para governar o Estado, será preciso ter voto (GUEDES, 2014, p.4).

A nota posiciona o senador a favor da verdade dos fatos, especialmente, quando o tom adotado suscita que é o “povo”, através de sua vontade (não de Cássio), que “apela” pela devida apuração do processo eleitoral no Estado. Neste sentido Cássio edifica seu *ethos* envolto numa imagem de vitimização frente a um adversário “desesperado” para vencer. Isso é provado, principalmente, quando Ricardo Coutinho é acusado de tentar ganhar a disputa no “tapetão”. Desse modo, Cássio denuncia que o *ethos* “kantiano-trabalhista” construído por Ricardo até então seria uma grande máscara a ser desmistificada. Desse modo, o *ethos* de trabalho do governador é posto em xeque, especialmente, quando Coutinho é colocado como alguém disposto a macular a vontade humana mediante a “intimidação” do povo.

Considerações finais

Destacamos aqui um conjunto de estratégias de ataque e defesa que balizaram o discurso político de Cássio Cunha Lima e Ricardo Coutinho nas eleições 2014 na Paraíba a partir das noções de trabalho e vontade com base no legado filosófico de Kant. O objetivo foi investigar as variadas interpretações que possui a ética no contexto discursivo dos principais jornais da Paraíba durante o período proposto, sendo possível observar, essencialmente, que o paradigma kantiano está latente em discursos e estratégias de campanha servindo como bússola moral para a construção do perfil dos candidatos.

Como resultado, foi possível compreender como Ricardo Coutinho sustentou o discurso kantiano a partir do slogan de sua campanha. O socialista o fez defendendo um governo com base na moderna noção de trabalho, postura que suscitou sobre ele um imaginário combativo aos interesses de uma minoria acostumada com a manutenção de privilégios. Por outro lado, a estratégia escolhida por Ricardo associou o seu adversário ao imaginário aristocrático da Antiguidade Clássica, onde a ética era baseada na harmonia cosmológica das práticas cotidianas acessível apenas a um punhado de cidadão livres. Como vimos, tal noção moral sofreu uma reviravolta com a abordagem de Kant, o qual encarou a virtude humana a partir dos lações de igualdade entre os homens como direito fundamental.

No caso de Cássio Cunha Lima, foi possível compreender como o candidato tucano se valeu do paradigma kantiano ao trabalhar o imaginário de sua campanha inspirado na noção de boa vontade, ideia chave da moralidade kantiana. Ou seja, a partir da análise dos slogans de cada chapa, foi possível identificar um rico substrato filosófico e uma evidente inspiração moderna em cada um deles. Primeiro, porque o conceito ‘A vontade do povo’ trabalhado por Cássio faz um claro apelo à capacidade racional do ser humano de votar sem paixões. É, pois, um incentivo à escolha consciente do eleitor, ferramenta que o impulsiona para longe das emoções que deturpam a razão, como reflete Kant.

Segundo, porque o slogan ‘A força do trabalho’ da chapa de Ricardo Coutinho exalta o poder de um *ethos* que deixou ser prerrogativa de escravos, de um imaginário de submissão moral e antidemocrática, passando a ser sinônimo universal de dignidade humana, como nos aponta a moral kantiana.

Referências

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. 2 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. 13. ed. São Paulo: Ática, 2006.

_____. **Introdução à história da filosofia**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FERRY, Luc. **Aprendendo a viver: Filosofia para os novos tempos**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

GOMES, André. SANTOS, Mislene. PSB lança campanha em plenária. **Correio da Paraíba**, João Pessoa, 11 de jul. 2014, Política, p.3.

GOMES, André. PSB divulga nome do vice hoje. **Correio da Paraíba**, João Pessoa, 1º de jul. 2014, Política, p.3.

GUEDES, Lenilson. Coligação do PSB acusa Cássio de comprar apoio de prefeitos. **Jornal da Paraíba**. João Pessoa, 25 de jul. 2014, Política, p.4.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Coleção Textos Filosóficos. Lisboa/Portugal. Edições 70, 2007.

NORONHA, Cecília. PSB e PMDB registram o PT. **Correio da Paraíba**, João Pessoa, 6 de jul. 2014, Política, p.2.

RODRIGUES, Adriana. PSDB discute propostas com prefeitos. **Correio da Paraíba**, João Pessoa, 12 de jul. 2014, Política, p.5.

SÁ, Giovanni Alves Duarte. **Ethos, mídia e discurso político**: uma análise das noções de ética nos jornais Correio da Paraíba e Jornal da Paraíba nas eleições estaduais de 2014. 137 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFPB. Paraíba, 2016.